O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 39.º — N.º 1954

Sábado, 17 de Agosto de 1946

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Os pêcegos

Diz a *Gazeta de Coimbra* que no mercado da cidade foram vendidas duas cestas de pêcegos por *um conto e vinte cinco escudos*, saindo à razão de 5$50 cada um!

Não é muito...

VOLTA A PORTUGAL

Andam uns tantos ciclistas a realiza-la—é a XI—devendo também passar nerta cidade onde descançam um dia.

Partiram de Lisboa a 11 do corrente em direcção ao sul.

Guerra sem tréguas ao "mercado negro"

Parte da nação tem estado a ser explorada ignobilmente por um comércio transformado em quadrilha, que lhe vende tudo a peso de ouro sem querer saber de desgraças. O Govêrno, porém, em virtude das reclamações da Imprensa contra os aumentos constantes, ininterruptos, das mercadorias, acaba de lhe sair ao encontro, promulgando leis tendentes a pôr cobro ao audacioso abuso que tanta celeuma provocava e era o supra-sumo da imoralidade. Apoiamo-lo incondicionalmente. Mais: incitamo-lo a que procure por todas as formas restabelecer no país aquela linha de conduta que foi apanágio dos que se elevaram pela sua honestidade e viveram rodeados da consideração e estima conquistadas pela justa remuneração do trabalho. O público precisa de voltar a ter confiança no comércio de modo a desvanecer quaisquer receios de exploração. Por isso, entrincheirados nesta barricada, não a abandonarêmos enquanto não fôrem atingidos os princípios pelos quais o *Democrata* se orgulha de combater e que altivamente tem proclamado com absoluta independência durante a sua já longa e, por vezes, atribulada existência.

Fiscalização de preços

—o—

O *Daily Herald*, jornal inglês do dia 7, escreve:

Haverá alguém ainda que duvide da necessidade de prosseguir com as fiscalizações económicas no mundo da inflacção e da escassez em que vivemos hoj? Nas semanas passadas os acontecimentos nos Estados Unidos foram uma advertência vívida para quem quer que dela precisasse, no que respeita aos efeitos do abandono das fiscalizações. Hoje a Hungria dá-nos outra. O govêrno hungaro foi mais ou menos obrigado pela fôrça das circunstâncias a deixar a distribuição dos géneros alimentícios e a vida económica do país em geral, ás forças do acaso. Qual foi o resultado? Uma orgia desenfreada de inflacção, segundo o modelo da celebre inflacção alemã de 1923, com os preços e salários subindo cem vezes por semana, e com a circulação fiduciária desintegrando-se numa grande fila de zeros.

Todos sabemos bastante sôbre o processo da inflacção desde 1923. Sabemos agora que é um mal o *laisser faire*, o colapso da vida económica de um país cujo govêrno não tem vontade ou energia para levar por diante uma distribuição equitativa e uma fiscalização de preços. A Grã Bretanha, pela eficiência modelar da sua fiscalização e do seu sistema de racionamento, sob a orientação do Govêrno de Coligação e do Govêrno Trabalhista no ano passado, mostrou que essas orgias desenfreadas são inteiramente desnecessárias. O centro nervoso, todavia, do conjunto do sistema deve ser a fiscalização dos preços. Mantendo isto, tudo o resto se pode conservar firmemente nas mãos. Abandonar isto significa em breve, nas condições em que hoje vivemos, escorregar até ao fundo como aconteceu agora ao pengo e aconteceu anteriormente ao velho marco.

Aqui tem o Govêrno português um exemplo. Pulso firme! Nada de contemplações!

Quiosque

Está sendo construido um junto ao cedro secular que se ergue no antigo Jardim de Santo António.

Tinhamos tenção de reprovar o local onde chegou a ser principiado, mas ainda bem que a Câmara viu da mesma maneira que nós a tempo de emendar o êrro.

PARADA MILITAR

Efectuou-se na quarta-feira em Lisboa mais uma, para comemorar o Dia da Infantaria, que resultou grandiosa, tendo desfilado perante o sr. Presidente da Republica e o Govêrno 14.000 homens ao longo da Avenida da Liberdade.

Vinte seis bandeiras nacionais iam à frente, escultando a que Nun'Alvares desfraldou ao vento na planura de Aljubarrota no glorioso dia da victoria, tendo a Emissora, atravez de alto-falantes, evocado o feito histórico dos infantes, que a multidão ouviu devidamente interessada.

Dr. Mário Duarte

De Havana, República de Cuba, acaba de transitar para o consulado de Portugal no Recife, Pernambuco, (E. U. do Brasil) o nosso estimado amigo e ilustre conterrâneo, que tantas simpatias tem conquistado nos pontos onde há exercido funções diplomáticas, honrando o nome de Aveiro.

Felicitamos o dr. Mário Duarte, a quem enviamos um apertado abraço.

Durante a falta de água

NO ANO PASSADO, AGUARDANDO UM DOS AUTO-TANQUES DA CAMARA

O último concerto

—o—

Faz depois de amanhã, 19 de Agosto, 7 anos, que a Banda de Infantaria 19, êsse excelente conjunto musical do país, deu o seu último concerto sob a regência do tenente-chefe João Pereira dos Santos, de saudosa memória, visto já ter falecido na terra da sua naturalidade—Abrantes—para onde fôra residir após ter sido deslocado do serviço.

O público, que se reuniu em volta do coreto do antigo Jardim de Santo António, ouviu atentamente o programa e ovacionou calorosamente todos os números. Recorda-nos como se fôsse hoje. É que a Banda do Regimento era para os aveirenses uma escola de cultura com que deliciavam o espírito, um atractivo retemperador das canceiras da vida. E assim, manifestando-se, mostrou quanto sentia a sua extinção.

Jámais se poderá esquecer o que foi essa noite memorável, principalmente quando os últimos acordes do *passe doble* da inspirada—*Despedida*—expressamente composto pelo estimado maestro, dera por findo o admiravel conjunto musical. Palmas, palmas calorosas, continuas, repetidas, foi o prémio com que a cidade se despediu dêle, não podendo esconder, na sua maioria, uma lágrima furtiva de saudade perante o inevitável.

Foi há 7 anos!

Como nos lembra ainda o abraço que nos ligou ao tenente Pereira dos Santos quando desceu do coreto!

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Festas da Agonia

—o—

Viana do Castelo veste agora as suas melhores galas para receber os milhares de forasteiros que a visitam por motivo da grande romaria que hoje tem o seu início e se prolonga até meados da póxima semana.

A Senhora da Agonia é das mais concorridas romarias do Minho, onde a garridice se casa com a alegria comunicativa daquela gente que exibe os seus trajos característicos, as suas danças e as suas cantigas num à vontade que encanta e enleva as almas e os corações.

A Princesa do Lima está, pois, em festa, motivo porque compartilhamos, cá de longe, da alegria, da satisfaçao, do regosijo da sua gente, muito estimando que tudo decorra, até final, sem qualquer nota que empane o brilho de que se faz revestir desde tempos remotos.

Chegou bacalhau!

Num vapor que esta semana demandou a barra de Lisboa vieram da Dinamarca 2.113 toneladas do ex-fiel amigo, cuja falta muito se tem feito sentir em todos os lares onde costumava existir para as saborosas ementas em que desempenham preponderante papel.

Dizem que esta remessa é uma das primeiras consequências do recente acordo luso-dinamarquês e que outras se vão seguir para abastecimento geral do país. Oxalá. Oxalá o Govêrno não descure o assunto, como complemento da grande obra realizada durante a guerra, à qual se deve tudo isto.

Tenhamos caridade!

—o—

Prosseguindo, abrimos hoje com a seguinte carta de quem nos lê desde a fundação dêste jornal, por terras estranhas:

Lisboa, 8 de Agosto de 1946

Meu presado amigo:

Ao regressar do Porto onde fui assistir e dirigir a inauguração duma filial que abri naquela cidade, deparo com o seu apêlo no *Democrata* a favor dum chefe de família doente e com uma prole bastante numerosa. Não podendo ficar impassivel perante o seu S. O. S. para socorrer um naufrago da vida, junto a importância de 100$00 que irá de certo modo aumentar a sua subscrição. Desejo, porém, que o meu nome fique coberto pelo anonimato e que a minha dádiva apareça como uma intenção particular: por alma de Humberto Hilário da Silveira, falecido no Estado de Minas Gerais, E. U. do Brasil. Este foi asilado e capitão dum celebre batalhão do Azilo Escola Distrital de Aveiro, sendo também assinante do *Democrata* há uns trinta e tal anos. Foi um grande caracter e duma moral que não é fácil encontrar, pelo que lhe presto a minha homenagem desta forma.

Esperando, pois, que o meu contributo vá suavisar a dôr e a miséria que aquele casal está sofrendo, subscrevo-me

Amigo muito agradecido

M. C.

Transporte . .	610$00
M. C.	100$00
Jeremias Vicente Ferreira	50$00
Soma . .	760$00

«BICHAS»

Ressurgiram as da manteiga, em frente ao estabelecimento que da sua venda parece ter monopólio, com um polícia à cabeça.

Não comentamos; só apontamos.

Carta do estrangeiro

—o—

Paris, 10 de Agosto de 1946

Meu caro Arnaldo:

Queres as minhas impressões? Elas aí vão, à pressa e despidas de estilo fantasioso.

Ao chegar a Paris, o aspecto que a *urbe* oferece é sensivelmente o mesmo de antes da guerra, inclusivamente a mesma côr de lama negra do casario. Com a côr escura do Louvre, da Madeleine, da Opera, da Sorbonne, do Pantéon, etc., só contrasta a alvura das cúpulas da Basílica de Montmartre.

Respeita-se, assim, a *patine* do tempo. Seja. E' certo que também não se lavou a Esfinge nem se branqueiam as Pirâmides do Egito. Mas as casas particulares de Paris! Ostentam tal aspecto de sujidade como não se vê em nenhuma outra capital do mundo.

Lisboa, nesse ponto, brilha; destaca-se pelo regalo que dão à vista as suas côres alegres, animadas por um luminoso céu.

Muito raro se nota qualquer estrago resultante dos encontrões germânicos. Disseram os jornais que tinham sido destruidas as estátuas para o seu bronze ser destinado a material bélico do invasor. Não é bem assim. Duma ou outra estátua apenas resta o pedestal. Assim sucedeu à de Lavoisier (não só à estátua mas também aos baixos relêvos laterais). Só resta igualmente o pedestal das estatuas de Voltaire e da Republica Francesa, próximo do Instituto. Mas quanto a esta, não se pode dizer que foi a cobiça do bronze que a destruiu, porque ela era de mármore.

Não longe dali, a de Danton escapou, com o seu grupo alegórico, tudo de bronze.

Atravessando a ponte, vê-se intacta a de Henrique IV; mais além a de Carlos Magno, e a seguir a de Joana d'Arc, todas de bronze.

O que admira é que esteja de pé a coluna de Vendôme, erguendo ao alto Napoleão, e revestida em tôda a altura, como se sabe, de placas ornamentais de bronze dos canhões que o Imperador tomou aos alemães.

No Arco do Carroussel persiste a quadriga de bronze que o sobrepuja, a-pesar dêste monumento ter sido erguido em honra de Napoleão, à voz de quem o império da Alemanha caiu, a Confederação do Reno se estabeleceu e se sucederam os reinos da Baviera e Wuotemberg.

Também fôram respeitados os grupos alegóricos de bronze e as inumeras estátuas de mármore dos jardins das Tulherias e do Louvre.

Aonde a cidade sofreu mais, segundo me informaram, foi no bairro de Montmartre, nas proximidades da Basílica, mas sofrendo esta apenas a perda dalguns vitrais.

São raros os quartos vagos nos hoteis. Grande parte deles fôram requisitados pelo Govêrno para oficiais de ambos os sexos, da aviação francesa, que estão a gosar em Paris algumas semanas de licença.

Vindos dos exércitos de ocupação da Alemanha, estão também de licença, em Paris, muitos graduados de ambos os sexos, americanos e ingleses. Teem instalações próprias e assegurado o seu sustento, no centro da cidade, havendo até para êstes últimos, próximo da Opera, o Club Imperial, instalado num grande e antigo restaurante.

Os hoteis não fornecem refeições. Os civis isolados, isto é, sem família em Paris, teem de recorrer aos restaurantes, munidos de *tickets* (senhas de racionamento) para o pão e certos suplementos dos *menus*.

O transito de veículos nos grandes *boulevards* é excessivo, excepto aos domingos e segundas-feiras. Os carros militares destacam-se em acentuada proporção: são os carros ligeiros, os *jeeps* e os camions, da aviação francesa, da RAF, da Polícia Militar americana, da UNRRA, etc.,—desarmados, é claro, aliás dir-se-ia que Paris estava sob outra ocupação militar.

Estranham os franceses que no seu

exército estejam ainda alistadas tantas mulheres. Em tempo de paz, para quê? A pavonearem-se na multidão. Êle é bem mau! quarto de graça, soldo certo, *dancings* animados, ... onde têm gasto os coctails: Electron, Les 4 Grands, l'Atôme, le Constellation, etc.

Antes da guerra era raro ver-se em Paris uma mulher de bicicleta. Agora são tantas e com tal agilidade que causa espanto como elas pedalam por tão apertados espaços neste pandemónio de veículos.

Os carros electricos acabaram de todo. Ainda do tempo da guerra vêem-se alguns *autobuses* cobertos de estranha e inestética carapuça, pintada de branco e formada de lona ou de tela de madeira armada sôbre todo o comprimento do carro, e de cêrca de meio metro de altura.

Estranhei o facto, e não tardei em saber o que ia ali dentro. E' um grande reservatório de borracha, que era cheio de gaz de iluminação, empregado durante a guerra como carburante, à falta de gasolina ou óleos pesados.

Em certos pontos das ruas há ainda uma espécie de bomba que aspirava o gáz da canalização subterrânea para aquele gasómetro do carro.

Há também os autobus de dupl o*trolley*, mas só em serviço na *banlieu*.

Enfim, fáceis e mais ou menos rápidos os meios de transporte, desde o metropolitano até à tipoia.

Ninguem se atropela para tomar lugar, não há gente empoleirada nos estribos nem receio de se ficar sem a carteira ou outro objecto que vá no bolso.

A vida está cara para os franceses, vê-se gente mal vestida ou mal calçada; mas nenhuma criança ou qualquer adulto a mendigar pelas ruas.

Até à vista.

Amigo dedicado,

António N. Leitão

Pelo Teatro

Não é exagêro se classificarmos de maravilhosos os dois espectáculos desta semana pela Companhia Maria Matos, que no primeiro, *Cuidado com a Bernarda*, mostrou, mais uma vez, a sua veia cómica, fazendo rir a bom rir, e no segundo, *A Sombra*, se elevou à altura do seu talento previligiado de actriz consumada, com direito a manter aquela posição criada desde os verdes anos na cena portuguesa.

O público, que compareceu nas duas récitas, aplaudiu a Companhia, digna, para, todos os efeitos, do maior aprêço pelos elementos de que se compõe, mas à primeira figura, que brilha no proscénio como uma estrêla fulgurante, quis distingui-la e fez o seu dever.

As palmas calorosas que estrugiram em todos os finais de acto representaram uma consagração que deve ter sido reconhecida pela eminente comediante.

Apreensão de géneros

Nada menos de 2.490 litros de azeite, além doutras mercadorias, foram ultimamente apreendidos pela fiscalisação, que vai entrar em grande actividade, como lhe cumpre, de harmonia com o decreto a que obrigaram os constantes delitos praticados contra os interesses da economia nacional.

E assim se vai começar em todo o país a obra de saneamento moral tão necessária para benefício do povo.

Veraneando

A Barra e a Costa Nova regorgitam de banhistas, de gente que precisa de ares, de descançar, de mudar de ambiente, de se divertir porque tudo faz parte da vida. É constante o movimento de carros e as lanchas vão sempre cheias porque a viagem pela ria interessa mais áqueles que nos visitam. Não faltam, pois, transportes e por isso haja alegria à beira mar, siga a roda, viva a folia!

A fruta

Atingiu preços astronómicos a pouca que aparece à venda, até nos mercados mais abastecidos.

Imagine-se: um figo 50 centavos! Um figo!

Agora é que seria caso para dizer: amigo Pinho, queres mais figos?

Se os leitores soubessem a história...

O exagêro de preços

—o—

..., Sr. Director de *O Democrata*
Aveiro

Tem V., por várias vezes, vindo a publico no seu conceituado jornal contra os *candongueiros* e *especuladores*. E porque se trata dum caso digno de registo e publicidade —dada a maneira *hábil*, como fomos espoliados—e como V. verificará, agradeço a publicação do seguinte:

Fomos, eu e minha mulher, no passado domingo, a Espinho; e, como é natural, procurámos um restaurante para jantar, Ao acaso entrámos num que se denomina *Costa Verde*. Sentámo-nos e, chamando o criado, dissemos-lhe que desejávamos jantar. Responde-nos:

—A' lista?

—Não, senhor; queremos o jantar da casa.

—E' que... mas... sim... faça favor, aqui tem a ementa:

E lemos:

Sopa de canja, peixe à marinheiro, bife, fruta, vinho.

E esperámos, esperámos, até que vemos passar um criado a modos muito atarefado.

E' o chefe de mesa, pensámos.

—Faz favor: podia mandar servir-nos o jantar?

—V. Ex.ª já viu a lista?

—Mas nós queremos o jantar da casa, como dissemos àquele seu colega.

—Pois... sim..., mas... é... é que... já não temos peixe à marinheiro, por isso tem de escolher à lista.

—Faça favor, de substituir êsse prato e faça também o favor de nos mandar servir o jantar.

—Mas... por causa de coisas... bem vê... e... mesmo... um bife custa...

—Faça favor mande servir o jantar que pedimos;—tornámos a repetir.

E o jantar, finalmente e depois de todos êstes rodeios (!), é-nos servido; comemos sopa, três filetes de pescada, dois bifes, vinho, (vinho da casa) uma laranja. Quanto a pão, metade de um a cada, como é da Lei.

Pedi a conta.

Diz o que nos parecia ser o chefe de mesa:

—O' (não nos recordamos do nome do criado por quem chamou) tira a conta a êste senhor.

Abeira-se então de nós um criado, rapa de um pedaço de papel e, sem que conseguissemos perceber bem o que dizia, sai-se com esta:

—94$30!

Já esperávamos, já esperávamos isto, dado o que tinhamos vindo a observar.

Mas continuemos:

—Faça favor (dissemos ao criado), traga-me uma conta descriminada do jantar.

E daí a pouco aparece-nos com uma factura da casa, que rezava assim:

Pão		1$00
Sôpa		5$00
Peixe		28$00
Carne		32$00
Vinho		9$00
Fruta—laranja		8$00
		83$00
Turismo	3$00	
Serviço 10 %	8$30	11$30
		94$30

—Faça favor (dissemos ainda com certa serenidade) traga-me uma factura devidamente em ordem, isto é, com as quantidades que nos foram servidas.

—Queira dirigir-se ao balcão e fazer a sua reclamação.

A resposta foi insolente, mas condescendemos.

Logo que ali chegámos imediatamente se abeira o criado em questão; e ainda não tinhamos começado a fazer a reclamação já êste bem *adestrado* criado começa:

—E' que êste senhor quere que se ponha aqui, na factura, as quantidades... E toca de me pegar na factura e escrever: um, um, um, um, um—em algarismos, está claro—atraz das designações.

—Perdão, faça favor de escrever: um, dois, dois, dois, um, um.

Evidentemente que a troca de algarismos deu ocasião a que a factura fôsse emendada nas quantidades. Era o que pretendiam, está bem de ver, como está bem de ver a razão porquê e até a forma como a factura foi elaborada quanto ás suas designações.

Pagámos a conta e simplesmente dissemos:

—Reservo-me o direito de proceder como entender.

—Faça o que quizer—respondem-nos do balcão.

Perdôe-me V., sr. Director, vir tirar-lhe algum espaço do seu jornal. Mas sentimo-nos tão indignados pela forma *engenhosa* como começámos a ser *levados*, que não resistimos à tentação de relatar o facto e mesmo porque achamos justo pôr de sobreaviso os incautos, como, aliás, nós o fomos.

De resto não fomos só nós os espoliados; outras pessoas mais se queixaram, cujos nomes estão em nosso poder.

De V. etc.

Aveiro, 14 de Agosto de 1946

Manuel Moreira Vinagre

Coliseu dos Recreios

Trouxe-nos o correio um livro escrito por Ricardo Covões e por ele oferecido ao *Democrata*. É um grosso volume de perto de 600 páginas onde o seu autor descreve a vida do grande teatro de Lisboa, de que é empresário há 25 anos, e põe em relêvo a sua actuação ao abandonar a política republicana em que tantas vezes nos encontramos antes do advento do regimen.

Ricardo Covões!

Nunca esquecemos êste nome. Foi incansável como obreiro da República e contínua a ser incansável no Coliseu porque, amando a sua independência e a sua liberdade mais do que a sua própria vida, prefere o trabalho honesto que dignifica e enobrece, a andar envolvido nos meandros da política — que é o que se sabe e o genial Rafael Bordalo Pinheiro caricaturou com tôda a propriedade...

O livro em referência tem muito que ler. Folheamo-lo e notamos que é escrito com desassombro, altivez e dignidade próprio de quem não teme.

Pois então iremos mais longe logo que as circunstâncias o permitam. Mas desde já agradecemos a Ricardo Covões o ensejo que nos deu de recordarmos, com saudade, o tempo da nossa rebeldia, das nossas ilusões, dos nossos anseios.

FARINHA AMERICANA

Na alfândega de Lisboa esteve mais de dois meses uma remessa de duzentos mil quilos de farinha americana sem que a firma importadora tivesse conseguido a necessária autorização para o despacho e consequente venda.

Ora aqui está um serviço que também devia ser ponderado, reconhecido e... premiado.

Uma nomeação

Foi nomeado delegado concelhio da Intendência Geral dos Abastecimentos, tendo tomado posse do cargo, na segunda-feira, o sr. cap. António José da Costa Campos, que na nossa terra, para onde veio residir há muitos anos, se há imposto por um conjunto de predicados que só lhe tem grangeado simpatias e amizades.

O capitão Costa Campos é aquêle oficial modesto e delicado, atencioso e cumpridor que noutros tempos, nas horas de ócio, se dedicava ao teatro, brilhando no palco como um dos principais elementos do grupo de amadores a que pertenceu.

Estamos convencidos de que a vaga foi preenchida com acêrto, pois não falta competência ao novo delegado para o desempenho do logar e também aquela ponderação e equilíbrio o que devem estar sempre presentes para resolver certos assuntos. Efnim: estamos certos de que a sua acção dentro do organismo se deve fazer sentir de forma a que todos beneficiem, como é para desejar nos tempos calamitosos que correm, em que a ganância campeia desenfreada, sem respeito por ninguém.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Como se entende isto?

—o—

Aveiro é uma região de sal e batatas, que exporta em alta escala, e recebe toneladas e toneladas de bacalhau que lhe trazem os barcos das empresas organizadas para a pesca do saboroso peixe nos mares da Terra Nova. Todavia, em Aveiro a batata compra-se ao preço de Lisboa e o bacalhau, a êsse, não se lhe põe a vista em cima!

Porque será?

Antigamente, *quando a escola era risonha e franca*, ensinavam os economistas do mundo que preço e abundância de artigos estavam na razão inversa: aumentava aquela; desciam êstes.

Os anos passaram. Com a primeira grande guerra o caracter dessorou-se e o comércio, deixando de observar a divisa do Grandela — *sempre por bom caminho e segue* — pôe acima de tudo o seu egoísmo e não se importa com os juizos que dele possam fazer.

Supomos que não procedem bem os que assim vêem as coisas, que não significam a classe, que estão, mesmo, fóra de todas as normas aconselhadas pelo bom senso.

No entretanto crêmos que ainda há-de haver quem reaja, quem prefira *ganhar pouco para vender muito*. Porque ai daquele que só pense em encher o cofre sem trabalhar...

Formatura

Concluiu, com 15 valores, a sua licenceatura em Físico-Quimicas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, a nossa conterrânea D. Maria da Nazaré Ferreira Patacão, filha do sr. Domingos Patacão, e irmã do estudante José Ferreira Patacão, muito conhecido nos meios académicos daquela cidade, devido ao seu espírito folgasão.

A' nova licenceada, que vai concorrer a Assistente da Secção de Química da mesma Faculdade, as nossas felicitações, extensivas a sua estremosa família.

Uma visita de cortesia

Deve fundear dentro de dias no estuário do Tejo—frente a Lisboa, capital do Império e fulcro do universalismo atlântico — uma divisão naval americana, arvorando o pavilhão do Almirante Hewitt, comandante-chefe das fôrças navais norte-americanas na Europa.

Não se desvaneceu ainda da memória dos portugueses a alegria que os marinheiros americanos emprestavam, antes da guerra, ás ruas de Lisboa; e sobretudo está bem vivo na consciência nacional, o auxílio prestado por Portugal à florescente Republica Americana durante a guerra, cedendo-lhe bases nos Açores, que muito contribuiram para a vitória dos aliados. Por tudo isso e porque a sábia política de Salazar soube estreitar, com o apoio da nação, os laços de amizade entre as duas potências fronteiras do Atlântico, os homens das fôrças navais americanas são aguardados com viva simpatia.

Wellcome.

NOVA FOTOGRAFIA

Abriu na Rua dos Mercadores um novo *atelier*, sendo proprietário de Aníbal Ramos que, a-pesar-de novo, conhece já os segredos da arte, visto a ter aprendido com seu pai, o nosso amigo João Ramos, estabelecido em frente à Praça da República.

Tem exposta, à entrada, uma colecção de fotografias que dizem das aptidões do artista, que estamos certos se deve evidenciar, como tem sucedido com outros membros de sua família.

As máximas prosperidades lhe desejamos.

Quando se acaba o resto?

São decorridos já bastantes meses que do Largo da Vera-Cruz desapareceram as paredes duma igreja que não chegou a acabar-se e por isso a Câmara mandou demolir para aproveitar os materiais. Sucede, porém, que ainda lá se vê o rabo, que o povo diz — é o pior de esfolar...

Até quando?

Quando se acaba o resto, visto faltar tão pouco?

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a galante Olguinha Branca, dilecta filha do nosso presado amigo António Madail, actualmente no Congo Belga, e o também nosso amigo João Simões de Pinho, de Cacia; amanhã, a sr.ª D. Maria Madalena Fonseca, filha do sr. António Ferreira da Fonseca; a simpática Maria Amélia Ferreira Delgado, filha mais nova do sr. João Delgado, negociante em S. Bernardo, e os srs. António Calheiros e Francisco Augusto Duarte; no dia 19, o hábil clínico sr. dr. José Vieira Gamelas e a menina Carmen de Melo Azevedo, filha do sr. Manuel Seabra de Azevedo, residente em Lisboa; em 20, a negociante Rosa Augusta de Castro e a inocente Helena Maria, filha do sr Luis Pinho Bernardo, ausente na Beira (Africa Oriental); em 21, os srs. Jeremias Vicente Ferreira, Aurélio Martins Campos e Viriato Patricio do Bem; em 22, as meninas Alice Fernandes Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.° sargento de Cavalaria 5, e Dolores da Silva Soares, irmã do sr. Armando Soares, residentes em Coimbra; a sr.ª D. Joana Virginia da Rocha e Cunha A. de Lemos, esposa do sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, juiz de Direito em Mossâmedes, e o sr. Artur Moreira de Almeida, filho do sr. Armando de Almeida e Silva.

Casamentos

Em Fátima efectuou-se, no último sábado, o enlace matrimonial da menina Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, dilecta filha da sr.ª D. Ermelinda Maria de Lourdes Campos Rocha e seu marido o sr. Duarte Rocha, gerente da Wacuum, com o sr. dr. Augusto José Sobrinho Barata da Rocha, médico no Porto.

A cerimónia foi revestida de solenidade, tendo sido apadrinhada pelos srs. António Calheiros e eng. Augusto Barata da Rocha, pai do noivo. Aos conjuges desejamos um futuro venturoso.

Praias e termas

Está a veranear, com sua familia na Figueira da Foz, o nosso particular amigo sr. tenente-coronel Melo Cabral, que aqui fixou a sua residência.

—Também seguiu, ante-ontem, com sua esposa e filhos para a Barra, o sr. José Pedro Soares de Melo, funcionário da Secção de Finanças.

—Regressou ante-ontem de Caldelas, onde esteve a fazer uso das águas, o nosso amigo Alfredo Esteves, director do Banco Regional.

Partidas e Chegadas

No Serpa Pinto, que na próxima semana sai a barra de Lisboa, segue para o Rio de Janeiro o abastado capitalista sr. Luis Simões Peixinho, nosso conterrâneo.

Desejamos-lhe feliz viagem.

—Estiveram nesta cidade os srs. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, director do Instituto comercial do Porto; José dos Santos Jorge, guarda-livros na mesma cidade; dr. Carlos Pericão de Almeida, novo consul em serviço no Ministério dos Estrangeiros; Manuel Mendes Leite Machado, funcionário da A. G. dos C. T. T.; eng. Mateus de Lima, actualmente na capital; Manuel da Costa Grijó e filha, de Eixo, e Diamantino Simões Jorge, da Taipa.

—Está ca com a familia a passar alguns dias o sr. capitão Lourenço Duarte, com residência em Lagos.

—Regressou do Brasil à sua casa de Requeixo, tendo estado na quarta-feira também nesta cidade, o sr. Albano Simões de Oliveira, a quem cumprimentamos.

Mais uma vez

Não fica mal a ninguém emendar um erro porque lá diz o latim: *errar humanum est* — errar é próprio da humanidade.

Ora como foi um êrro consentir-se que em frente à linda ria da Costa Nova se erguesse uma barraca para venda, aluguer e concerto de bicicletas, parece-nos rasoável e justo que, para salvaguarda dos interesses colectivos da praia, aquilo desapareça do local onde está, por impróprio, não se autorizando nunca, seja qual fôr o motivo invocado, construções que possam tirar ou afectar as vistas de tão encantador como sedutor efeito, como são as do vasto estuário em referência.

A Costa Nova encaminha-se para uma transformação que muito a deve valorizar se souberem e quizerem ter em atenção o aspecto panoramico com que a Natureza a dotou. Vejam, pois, o que fazem, pensando primeiro nas realizações que houverem de efectuar.

Basta o que já está, digno de reparo e de censura.

Declaração

Maria da Trindade Silva, declara que não toma responsabilidade sôbre quaisquer dividas que possa contrair seu marido António do Carmo residente no Bairro do Vouga.

Aveiro, 16 de Agosto de 1946.

Doenças dos olhos

Acham-se suspensas até Outubro as consultas que vinha dar todas as sextas-feiras ao Hospital desta cidade, o sr. dr. Cunha Vaz, de Coimbra.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$0C
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

Alvaro Sucena

Ao sair da máquina o último número do jornal fomos surpreendidos com a notícia da sua morte, ocorrida em Agueda, de onde era natural. Penalisou-nos profundamente o facto, pois a sua aparente robustez física, o seu aprumo e a sua optima disposição nada fazia prever que tão cedo resvalasse no tumulo.

Transferido, há meses, para a filial do Banco N. Ultramarino de Ovar, prestou serviço durante largos anos na desta cidade, conquistando entre os seus colegas e superiores as maiores simpatias, devido aos seus predicados morais, á sua lealdade e à sua correcção, o que mais avolumou o sentimento dos que lhe apreciavam as virtudes e se honravam com a sua amizade — franca, sincera, desinteressada.

Alvaro Sucena, a quem uma gráve enfermidade, em poucos dias aniquilou a existência, contava 52 anos e a quando da outra guerra foi numa expedição à Africa, fazendo parte do regimento de Infantaria 28.

O seu funeral, efectuado no último sabado de tarde, na importante vila, foi duma grandiosidade pouco vulgar, o que só demonstra a consideração que gosava entre os seus conterrâneos. As filiais do Banco, de Ovar e Aveiro, fizeram-se largamente representar, vendo-se no cortejo entre o pessoal desta cidade, Manuel Rodrigues Valente, com uma linda corôa de flôres naturais que traduzia a saudade dos seus antigos companheiros de trabalho, tendo à beira da campa proferido algumas palavras o sr. António Sereno, que pôs em relêvo as suas qualidades morais e a nobreza dos seus sentimentos.

O Democrata, sentindo, também, o desaparecimento do simpático aguedense, manifesta a tôda a família e em especial à sua viúva, sr.ª D. Maria da Glória Ferreira Sucena e filhos o seu pesar.

* * *

No Porto deixou de existir, com 72 anos, o sr. Camilo de Oliveira, muito conhecido pelas suas ideias republicanas.

Deixou alguns filhos, nomeadamente o sr. dr. Camilo Cimourdain de Oliveira, genro do nosso distinto colaborador dr. Alberto Souto e o seu funeral realizou-se ante-ontem, civilmente, para o cemitério do Prado do Repouso.

Aos doridos, o nosso cartão de condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, António Tavares, casado, de 38 anos, natural da Trofa, e na *Quinta do Picado*, Rosa Rodrigues da Conceição, viúva, de 81.

Correspondências

Costa do Valado, 15

Está justo o casamento da menina Célia Vieira, prendada filha do industrial, sr. Albino Vieira dos Santos, com o sr. Pompeu Rocha Pereira, professor primário, natural de Aveiro e ainda seu parente.

A cerimónia deve efectuar-se brevemente, segundo se diz.

—Por lhe ter caído um vidro sôbre o pé esquerdo quando procedia à limpesa da sua habitação, ferindo-a, não tem saido à rua a sr.ª D. Amalia Rangel de Quadros, distinta professora nesta localidade, a quem desejamos pronto restabelecimento.

— Os milhos por aqui estão prometedores, mesmo muito prometedores, devido à abundância de água de rega contida nos poços. Se tivesse chovido era melhor. Mas do mal o menos. É uma questão de mais trabalho.

C.

Esgueira, 10

Não faz sentido que a iluminação pública só seja acesa perto das 23 horas, visto a nossa terra ter sido anexada à cidade. Por isso se pedem previdências.

—A Câmara também deve dirigir as suas atenções para aquêle cômoro que fica numa das ruas mais centrais, um pouco acima da igreja e que tem merecido os reparos de muita gente. É impróprio do local precisando ser substituido por um muro decente, cuja construção não fica muito dispendiosa.

— Com sua esposa e filho está cá a passar algum tempo o nosso amigo João Luis Cardoso, industrial de panificação em Setúbal.

C.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 18 de Agosto (às 21,30 h.)
Uma luz no Horizonte

Quinta-feira, 22 (às 21,30 h.)
Quando êles são anjinhos e Depois da meia noite

Em 25:
Um sonho em Hollywood

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	11,15 (tram.)
12,56 (rápido)	15.41 (»)
13,06 (tram.)	19,28 (rápido)
17,24 (tram.)	21,54 (mixto)
20,40 (tram.)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,54	10,50
15,25	18,11
19,10	23

Dr. Humberto Leitão

Mudou a sua residência, da Rua de José Estêvão para a antiga Rua da Corredoura, 44 (casa côr de rosa) o que se comunica para conhecimento dos interessados.

Pensão Aveirense, L.da

—o—

Por escritura de 7 de Agosto do corrente ano, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Abel João Saraiva, foi constituida uma sociedade por cotas, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação *Pensão Aveirense, Limitada*, fica com a sua séde em Aveiro, na Rua Voluntários Guilherme Gomes Fernandes, durará por tempo indeterminado, a contar de hoje, e o seu objecto é o da exploração de indústria hoteleira ou de qualquer outro ramo industrial ou de comércio que, em Assembleia Geral, se resolver adoptar.

2.º

O capital social, já integralmente realizado em dinheiro, é de 100.000$00, distribuido pelas seguintes cotas:

Manuel Carlos Anastácio, 60.000$00; Maria da Conceição Silva, 20.000$00; António Fernando Marcela e Santos, 10.000$00 e Maria Manuela Marcela e Santos, 10.000$00.

Parágrafo primeiro: — O sócio Manuel Carlos Anastácio fica na obrigação de ceder a José Maria Vilarinho, casado, oficial da Marinha Mercante, residente no lugar da Cale da Vila, freguesia da Gafanha da Nazaré, concelho de Ilhavo, dois terços da sua cota, sem que, pela sociedade ou por qualquer sócio, se possa exercer sôbre esta cessão o direito de preferência.

Parágrafo segundo:—Poderão fazer-se prestações suplementares de capital e suprimentos à Caixa Social, tudo conforme o que em Assembleia Geral fôr resolvido.

3.º

A gerência fica desde já a cargo dos sócios Manuel Carlos Anastácio e António Fernando Marcela e Santos, é dispensada de prestar caução e a remuneração será fixada em Assembleia Geral. O sócio António Fernando Marcela e Santos poderá fazer-se representar por procurador.

Parágrafo único:—A prorogação ou revogação do mandato far-se-há por simples maioria de votos do capital, todos os anos, na Assembleia Geral de discussão das contas e balanço, podendo a revogação fazer-se em qualquer outra e sempre que o exijam os interesses sociais, sem prejuizo das medidas a tomar pelos meios legais.

4.º

Qualquer dos gerentes tem capacidade judiciária activa e passiva para representação da sociedade, não podendo, todavia, transaccionar, desistir ou confessar, em juizo ou fora dele, sôbre questão de interêsse da sociedade, sem autorização desta.

5.º

Fica vedado aos gerentes obrigarem a sociedade ou usarem da firma ou da denominação social em letras de favor, fianças, abonações e em quaisquer outros títulos cujo conteúdo ou objecto não esteja directamente ligado ao giro comercial da social.

6.º

Basta a assinatura de um só dos gerentes nos documentos de mero expediente e nos que não envolvam responsabilidade da sociedade; mas, em letras, cheques e em todos os demais documentos que possam constituir a sociedade em obrigação, é necessária a assinatura de dois gerentes.

Parágrafo único—A assinatura far-se-á por baixo de carimbo com os dizeres: *pela Sociedade Pensão Aveirense, Limitada*.

7.º

Em caso de falecimento de sócio, a sociedade continuará com o administrador da herança até se fazer a pratilha e, dai por diante, com o adjudicatário, ou, no caso de serem vários, com um por todos nomeado e indicado à sociedade por carta registada no praso de 15 dias a contar da adjudicação.

Em caso de interdição de sócio, a sociedade continuará com o representante deste. Mas, se o meeiro ou os herdeiros naquele caso, fazendo maioria de quinhões, ou o representante do sócio, neste outro, o preferirem, será a cóta amortisada pelo valor do ultimo balanço aprovado, e pagável no praso de um ano, a cantar da notificação à sociedade, em carta registada, e em quatro prestações trimestrais e iguais, com o juro da taxa de desconto do Banco de Portugal.

8.º

Em 31 de Dezembro de cada ano será dado balanço que será discutido e votado até ao fim de Fevereiro do ano seguinte, e os lucros liquidos depois de retirados 5% para o fundo de reserva legal, serão distribuidos pelos sócios em proporção de suas cótas.

9.º

Na cessão de cótas a estranhos ou a sócios, tem preferência a sociedade. Na cessão de cótas a estranhos, se a sociedade não quizer preferir, passará o direito de preferência para os sócios, que se competirão por meio de licitação. O mesmo se observará no caso de alienação judicial da cóta.

10.º

Supletivamente, regulam a lei das sociedades por cótas, e na parte aplicável, o Código Comercial.

Secretaria Notarial de Aveiro, 15 de Agosto de 1946.

O ajudante da Secretaria Notarial,
Raúl Ferreira de Andrade

Casa na Presa

Vende-se com terreno anexo, na Rua da Quinta Velha. Tratar com Emílio Campos, na Patela.

Casa na Costa Nova

Vende-se a n.º 3 à beira ria com terreno anexo. Tratar com José F. Mortágua—Aveiro.

Cadeira para paralítico

Compra-se. Nesta Redacção se informa.